

**2ª
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI2



PROFESSOR (A):



DISCIPLINA:



AULA Nº:



CONTEÚDO:



TEMA GERADOR:



DATA:

**LUIZ
ROMERO**

LITERATURA

**AULA
ESPECIAL**

ERA NACIONAL

**PAZ NA
ESCOLA**

23.04.2020

ROTEIRO DE AULA



Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

REALISMO – NATURALISMO

1881.....

.....1922

- **O Mulato**
- **Memórias Póstumas de Brás Cubas**

Semana de Arte Moderna*Capitalismo*

CONTEXTO HISTÓRICO – LITERÁRIO

- 2ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL / SOCIALISMO (MARX);
- MEDICINA EXPERIMENTAL / CIENTIFICISMO;
- ORIGEM DAS ESPÉCIES / EVOLUCIONISMO (DARWIN);

TEORIAS FILOSÓFICAS e CIENTÍFICAS:

- O POSITIVISMO, DE AUGUSTO COMTE;
- PESSIMISMO DE SCHOPENHAUER;
- A PSICANÁLISE DE FREUD;
- A NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO E DA EXISTÊNCIA DE
DEUS (NIETZSCHE);
- DETERMINISMO (HIPÓLITO TAINÉ): homem / raça / meio

Naturalismo

CARACTERÍSTICAS COMUNS

- Objetividade
- Materialismo
- Verossimilhança
- Análise do caráter
- Narrativa aparentemente lenta
- Contemporaneidade
- Critica a burguesia e o clero:
- manipulação e alienação
- censura ao convencionalismo
- adultério, relações de aparências, interesse financeiro
- Linguagem concisa e clássica

Realidade



Daumier: Vagão de terceira classe

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS



REALISMO

- Romance documental
- **Psicologismo**
- **Análise individual**
- Personagens esféricos e burgueses



NATURALISMO

- Romance de tese / experimental (determinismo)
- Animalização das personagens (zoomorfismo / patologias)
- Personagens populares e planos

O ROMANCE NATURALISTA

ALUÍSIO DE AZEVEDO

- *O mulato*
- *Casa de pensão*
- **O cortiço** (*obra máxima do Naturalismo brasileiro*)

O CORTIÇO

- Revelação da miséria urbana
- Enfoque nas classes marginais
- Determinismo do meio (tese dominante)
- Domínio do coletivo sobre o individual
- Desagregação dos instintos
- Principais personagens: João Romão, Bertoleza, Miranda, Jerônimo, Rita Baiana, Pombinha.

FRAGMENTO DE O CORTIÇO

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

[...]

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzun crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

OUTROS NATURALISTAS

ADOLFO CAMINHA

→ A normalista

→ O bom crioulo

INGLÊS DE SOUZA

→ O Missionário

MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA

→ Dona Guidinha do Poço

DOMINGOS OLÍMPIO

→ Luzia - homem

Joaquim Maria **MACHADO DE ASSIS**

“A UM BRUXO COM AMOR” (CDA)

**“Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)**

Venho visitar-te; e me recebes

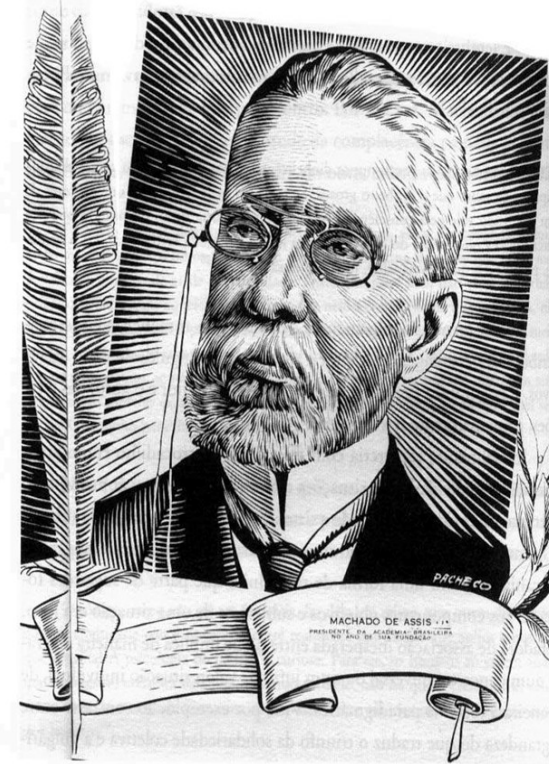
Na sala trastejada com simplicidade

Onde pensamentos idos e vividos

Perdem o amarelo

De novo interrogando o céu e a noite.

Outros leram da vida um capítulo , tu leste o livro inteiro.



(1839 – 1908)

DE MENINO, DE HOMEM COMUM A MITO NACIONAL

Nasceu no Morro do Livramento, em 21 de junho de 1839, Rio de Janeiro — o grande cenário — Pobre, tímido, saúde frágil (câncer na língua), míope, epilético, estéril, gago, asmático, mulato. Tornou-se um homem tímido, reservado e discreto. Faleceu em 29 de setembro de 1908. **Autodidata e culto.** Casou-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais, companheira que muito o ajudou na carreira literária: **“Carolina, tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar.”**

CARACTERÍSTICAS GERAIS

- Antinarrativo / antilinear.
- **Ironia** (Voltaire) — o humor corrosivo.
- **Psicologismo** (personagens).
- Pessimismo (postura “niilista”).
- Perfeccionismo / intertextualidades / metalinguístico.
- Universalismo: essência humana, os grandes temas filosóficos.
- Narrativa documental e crítica à burguesia.
- Parasitismo social, econômico e político das elites brasileiras.
- **Diálogo com o leitor.**

OBRAS:

Poesia: Crisálidas, Falenas e Americanas (marcas românticas) e Ocidentais (rumos parnasianos).

Teatro: Quase Ministro,, Tu, só Tu, Puro Amor. São peças frágeis. Segundo os críticos são melhores quando lidas, do que encenadas.

Crônica: Do cotidiano ao clássico que revelam o escritor para o “divertissement” e o entretenimento.

Crítica: Revela honestidade, senso estético, fina capacidade analítica, independência intelectual.

A CAROLINA

**Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro**

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

**Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.**

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O ROMANCISTA:

1ª FASE: Romances convencionais

- Ressurreição
- A mão e a Luva
- Helena
- Iaiá Garcia

CARACTERÍSTICAS GERAIS

- Crença nos valores da época
- Estrutura de folhetim
- Esquematismo psicológico

2ª FASE: O salto qualitativo/o romance problemático
(**romances realistas**):

- Memórias Póstumas de Brás Cubas (**1881**)
- Quincas Borba
- Dom Casmurro
- Esaú e Jacó
- Memorial de Aires (**1908**)

CARACTERÍSTICAS GERAIS

- Análise psicológica (os vistos em sua complexidade psíquica).
- Análise dos valores sociais.
- Pessimismo (descrença nos indivíduos e na organização social).
- Ironia (o chamado “sense of humor”).
- Refinamento da estrutura e da linguagem narrativa.

**AO VERME
QUE
PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES
DO MEU CADÁVER
DEDICO
COMO SAUDOSA LEMBRANÇA
ESTAS
MEMÓRIAS PÓSTUMAS**

PRIMEIRO CAPÍTULO: ÓBITO DO AUTOR

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

ATIVIDADE



Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA



1. Autor defunto está para campá, assim como **defunto autor** para:

- a) introito.
- b) princípio.
- c) cabo.
- d) berço.
- e) fim.

02. Dizendo-se um **defunto autor**, o narrador-personagem destaca seu (sua):

- a) conformismo diante da morte.
- b) tristeza por se sentir morto.
- c) resistência diante dos obstáculos trazidos pela nova situação.
- d) otimismo quanto ao futuro literário.
- e) atividade apesar de estar morto.

03. Qual a diferença entre **defunto autor** e **autor defunto**?

- a) não há diferença. Os termos são sinônimos.
- b) Nos dois casos, o primeiro termo é adjetivo e o segundo substantivo.
- c) “autor defunto” é um morto que escreve e “defunto autor” é o escritor que morreu.
- d) Em “autor defunto”, defunto é substantivo; em “defunto autor, defunto é adjetivo
- e) “Autor defunto” seria um escritor que teria tido a carreira literária interrompida pela morte; “defunto autor” seria quem começa a escrever depois da morte.

04. Definindo-se como um **defunto autor**, o narrador:

- a) pôde descrever a própria morte.
- b) escreveu suas memórias antes de morrer.
- c) obteve em vida o reconhecimento de sua obra.
- d) ressuscitou na sua obra após a morte.
- e) descreveu a morte após o nascimento.

05. O tom predominante no texto é de:

- a) luto e tristeza.
- b) humor e ironia.
- c) pessimismo e resignação.
- d) mágoa e hesitação.
- e) surpresa e nostalgia.

BRÁS CUBAS

- **Narrador irônico** que inviabiliza as mulheres do ponto de vista moral.
- Sem apegos morais nem sociais.
- Tudo tentou, porém nada realizou.
- Formado em Direito e sem conquista profissional.
- Narra suas memórias depois de morto, assim não devia explicações a ninguém.
- Seu destino: **a solidão.**

MULHERES INVIÁVEIS NAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE **BRÁS CUBAS**

- **Marcela** – promíscua, amante dos valores financeiros e sem escrúpulos. Não amava um homem só, mas todos. Finge e é dissimulada. Inviável para o casamento.
- **Virgília** – faceira, pueril, interesseira e mentirosa; atrevida, voluntariosa, bonita. Traía o marido dentro da própria casa. Valores burgueses com instinto animal. Foi o grande amor de Brás Cubas. Mulher repleta de sedução, pecado, feitiço, feita para o amor da cabeça aos pés. Lobo Neves foi mais inteligente.

- **Eugênia** – morena, 16 anos, “é bonita, mas é coxa”; vítima de seu próprio preconceito, sempre triste e melancólica, dissimulada. É descrita com sarcasmo. “Flor da moita” X o nome significa “bem nascida”. Inviável pela própria natureza.
- **Nhã-Loló** – Tipo que a sociedade aceitava. Tinha a beleza da conveniência social. Perfeita para o cargo de esposa, mas adoece e morre de febre amarela. Irrevogavelmente inviável.

O ATENEU (1888): **UM CASO PARTICULAR**

- **Raul Pompeia (1863-1895)** notabilizou-se na literatura brasileira por uma única obra.
- O romance é narrado em primeira pessoa por Sérgio, já adulto: **“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta”.**
- Romance de classificação difícil: **Realista, Naturalista, Expressionista; técnica Impressionista, apuro Parnasiano...**
- Rival de Machado de Assis pela qualidade.
- Consagrado pela crítica como uma das obras mais inteligentes da literatura brasileira.

- Romance de **formação (educação e moralidade)** e marcado de **psicologismo**. Romance complexo e singular.
- O narrador irônico, ressentido, decepcionado, reconstrói por meio da memória a adolescência vivida e perdida dentro internato Ateneu: **“Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete”**.
- A ação ocorre no ambiente fechado e corrupto de um internato, onde convivem crianças, adolescentes, professores e empregados.
- Raul Pompeia **foi caluniado nos meios jornalísticos e intelectuais. Criou inimizades. Suicidou-se aos 32 anos, no dia do Natal.**

PARNASIANISMO

1882 1922

FANFARRAS

Teófilo Dias

SEMANA DE ARTE MODERNA



Apolo e as ninfas – François Giraud

CARACTERÍSTICAS / ESTILO / TEMAS

Objetividade:

contenção emocional

- Perfeccionismo formal:

métrica rígida

apuro nas rimas

- Linguagem rebuscada:

vocabulário culto

inversões sintáticas

- Retomada da cultura clássica

- Caráter descritivo

- Estética da Arte pela Arte:

descomprometimento social

a poesia voltada para si mesma (metalinguagem)

OLAVO BILAC (1865-1918)

- O mais destacado do Parnasianismo (retorno ao clássico).
 - O Parnasianismo foi de pouco destaque na Europa, mas ganhou repercussão no Brasil.
 - Poesia de elevado valor vocabular e elevada técnica.
-
- O poeta: ourives da linguagem e um monge.
 - Estudou Medicina e Direito. Destacou-se como poeta, Jornalista e educador. Profissional das letras.
 - **POESIAS** (1888) – Parnasianismo.
 - Depois produziu poesias de **temas nacionalistas** e



A UM POETA

**Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!**

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

**Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:**

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

PROFISSÃO DE FÉ

***Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.***

***Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.***

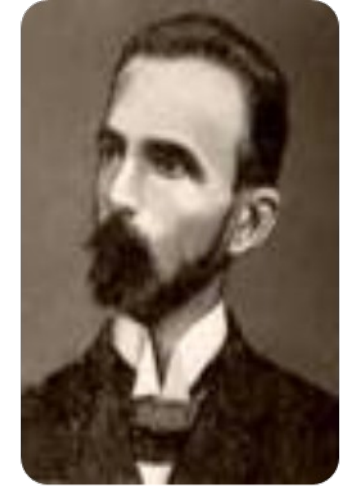
**Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.**

**Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.**

***E horas sem conto passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.***

***Porque o escrever - tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.***

RAIMUNDO CORREIA (1859 -1911)



- Forma com Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, a “**Tríade Parnasiana**”.
- Momento diferente no Parnasianismo: **a pesquisa da linguagem**.
- 1ª fase: influências românticas **Primeiros Sonhos** (1879)
- 2ª fase: influências parnasianas **Sinfonias** (1883) e **Versos e Versões** (1887), marcada pelo pessimismo de Schopenhauer.
- 3ª fase: pré-simbolista que busca o refúgio na metafísica e na religião; apresenta pesquisa em musicalidade e sinestesia

MAL SECRETO

**Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;**

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

**Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!**

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!



ALBERTO DE OLIVEIRA (1859-1937)

- Poesia fria, objectual e intelectualizada.
- Linguagem marcada pelo preciosismo formal e linguístico.
- Defendia a “**Arte pela Arte**”.
- Foi o mais parnasiano dos parnasianos.
- Poesia intensamente descritiva.
- Curiosamente, foi eleito “Príncipe dos Poetas”, em 1924, sob o impacto da Semana de Arte Moderna de 22.
- Sua obra mais conhecida é **Meridionais** (1884).



VASO GREGO

Esta, de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então e, ora repleta ora, esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinha
Toda de roxas pétalas colmada.

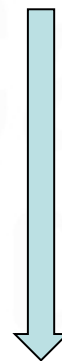
Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

4. SIMBOLISMO

1893.....1902.....1922

MISSAL / BROQUÉIS
(Cruz e Sousa)



- **Os Sertões**, de Euclides da Cunha
- **Canaã**, de Graça Aranha

CARACTERÍSTICAS E ORIGENS

- **Jean Moreás:** O público devia perceber a relação entre a realidade aparente e as essências, vivendo uma experiência sensorial semelhante à do artista.
- **O Eu-profundo**
- Pessimismo, dor de existir
- Linguagem do Simbolismo: caleidoscópio de imagens e sons.
- Mistério, espiritualismo e misticismo

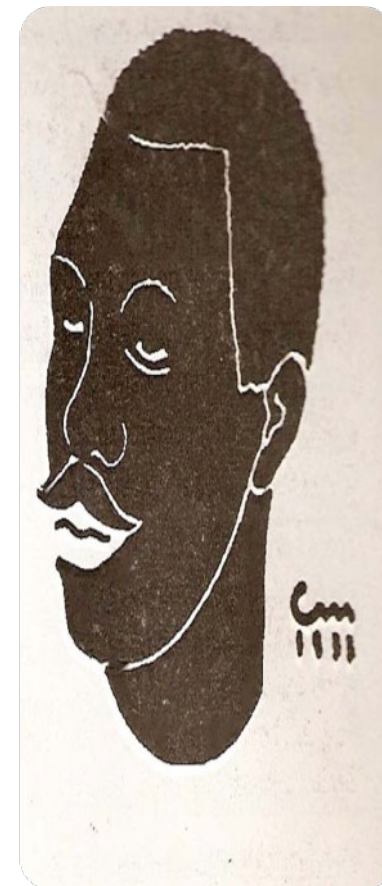
- **Antimaterialismo, antirracionalismo**
- Interesse pelo noturno, pelo mistério e pela morte (**sublimação**)
- afirmação da prioridade do mistério sobre a ciência.
- Os simbolistas foram chamados **nefelibatas e decadentistas**.
- Conhecimento **intuitivo** e **sensorial** da realidade.
- **Desinteresse pelo social, quase alienação.**

CONTEXTO

- **Charles Baudelaire: a teoria das correspondências.**
- **As Flores do Mal** (1857) – revolucionou a poesia no mundo ocidental.
- **Paul Verlaine: a musicalidade e a Poesia**
- **Sthéfane Mallarmé: “Sugerir, eis o sonho”**
- **Arthur Rimbaud: a alquimia verbal**

CRUZ E SOUSA (1861-1898)

- Filho de escravos alforriados.
- Viveu a tragédia pessoal e familiar.
- “Cisne negro” / “**O poeta do Desterro**”
- Mestre de evocações de impressões sensoriais.
- É o maior representante do movimento simbolista entre nós.
- **OBRA:** Missal e Broquéis(1893) – iniciam o Simbolismo.



- Profundidade filosófica e a angústia metafísica.
- **Sublimação da dor, do sexo, do preconceito, do sofrimento.**
- Linguagem: a obsessão por termos associados à cor branca, como neve, névoa, alvas, brumas, lírios, luz...
- **Sofreu a incompreensão do público e da crítica.**
- A busca da transcendência espiritual.
- Poesia de integração cósmica.

ANTÍFONA

**Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas! ...**

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras ...

Formas do Amor, consteladamente puras

De Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, mádidas frescuras

E dolência de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,

Harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,

Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume ...

Visões, salmos e cânticos serenos,

Surquinas de órgãos flébeis, soluçantes ...

Dormências de volúpicos venenos

Sutis e suaves, mórbidos, radiantes ...

**Cristais diluídos de clarões alacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,
Fulvas vitórias, triunfalmente acres,
Os mais estranhos estremecimentos...**

**Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...**

**Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...**

ALPHONSUS DE GUIMARAENS (1870-1921)

- Sublimou a morte prematura da amada e prima Constança.

- Sua poesia é quase toda voltada para o tema da morte da mulher amada: **monotemático**.



Arte de Kalixto

- Todos os outros temas, como natureza, arte e religião, estão de alguma forma relacionados a ela.
- Conhecido como o místico mineiro (Mariana - MG).

- Poesia de atmosfera **mística e litúrgica**.
- Preferiu o nome latinizado.
- Explorou as ilusões provocadas pelo mundo visível.
- Utiliza uma linguagem mais suave e tranquila.
- Ficou conhecido como “o solitário de Mariana”

OBRA:

- Setenário das dores de N. Senhora (1899)
- Dona Mística (1899)
- Kyriale (1902), entre outras.

ISMÁLIA

**Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.**

**No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...**

**E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...**

**E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...**

**As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...**

A CATEDRAL

Entre brumas ao longe, surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca de sol.

**E o sino canta em lúgubres resposos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"**

**O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.**

**E o sino clama em lúgubres responsos:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"**

**Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho
Toda branca de luar.**

**E o sino chora em lúgubres resposos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"**

**O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho.
Como um astro que já morreu.**

**E o sino geme em lúgubres resposos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"**

NA PRÓXIMA AULA



Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA